

1

A nova estrutura de sentimento: a pós-modernidade

Mirna Aragão de Medeiros*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo realizar uma reflexão em torno do conceito Estruturas de Sentimento de Raymond Williams, visando ressaltar sua importância na análise de obras de arte e literatura, especialmente, para a compreensão de novos significados e de características emergentes na sociedade – percebidas nas obras literárias. Este conceito contempla aquilo que foge ao fixo e as instituições já formadas, que por estar acontecendo neste exato momento pode até mesmo vir a não se manter; e também as experiências vividas e sentidas no presente para a compreensão dos dias de hoje. Com este intuito, utilizamos os textos de Walter Benjamin escritos na década de 1930: “Experiência e Pobreza”; “O Narrador”; e os trabalhos sobre Baudelaire; para a compreensão do conceito de Williams. Outro autor importante para este trabalho é Frederic Jameson que utiliza o conceito de Williams para retratar a nova estrutura de sentimento que surge com o advento do pós-modernismo. A partir destes autores podemos perceber que o conceito cunhado por Williams não é apenas necessário para uma melhor compreensão da literatura, mas também para entender os processos atuais da sociedade.

Palavras-chave: Estruturas de Sentimentos; Raymond Williams; História e literatura.

Abstract: This paper aims to carry through a reflection around the concept *Structures of Feeling* of Raymond Williams, being intended at to stand out its importance in the analysis of works of art and literature, especially, for the understanding of new meanings and emergent characteristics in the society - perceived in the literary work. This concept contemplates what it escapes from the concrete and the already formed institutions, that for being happening at this accurate moment it can even though come not to remain itself; and also the lived and felt experiences in the present for the nowadays knowledge. With this intention, we use the texts of Walter Benjamin written in the decade of 1930: “Experience and Poverty”; “The Narrator”; e the works on Baudelaire; for the understanding of the concept of Williams. Another important author for this work is Frederic Jameson that uses

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em História (PPGH) da Universidade Federal Fluminense (UFF).

2

the concept of Williams to portray the new structure of feeling that appears with the advent of the Postmodernism. From these authors can perceive that the concept idealized by Williams is not only necessary for a better understanding of literature, but also to understand the processes current of the society.

Keywords: Structures of Feeling; Raymond Williams; History and literature.

I

Hoje, atualmente, agora, neste exato momento, entre outros sinônimos que podem ser utilizados para definir o tempo verbal das ações ou acontecimentos, tanto nos textos, quanto em conversas do dia-a-dia. O difícil não está em caracterizar o espaço temporal, mas sim em compreendê-lo, pois tende –se a analisá-lo numa perspectiva do passado. Os fatos históricos são analisados posteriormente, no entanto, é importante ressaltar que estão em constante construção. Podemos, por exemplo, pensar no Maio de 1968, que neste ano, completa-se 40 anos. Em todo Brasil estão acontecendo debates, seminários, escrevendo textos para a re-construção desta memória, mas o que pensavam as pessoas que participaram deste “movimento”? O que elas sentiam? Quais foram as experiências vividas naqueles dias? Apenas lembramos que, em 1968, vivia-se o movimento *hippie*, Woodstock, rock n’ roll, a guerra do Vietnã, e no Brasil o auge da ditadura militar com o AI-5 e nas artes a Tropicália acontecia. Enfim, a onde queremos chegar é que existe um “entrave” ao reconhecer a atividade cultural humana, no presente, em que ocorre, pois há a necessidade da “transformação imediata e regular da experiência em produtos acabados”.

Com a transformação em produtos cria-se instituições fixas, com características próprias e formas produzidas. O movimento tropicalista, por exemplo, é traduzido como um momento artístico de retorno às origens brasileiras, com cores vivas, índios e bananeiras. Nele enquadram-se esteticamente: Caetano e Gilberto Gil; os “paracolés” de Helio Oiticica; e a encenação de *O rei da vela*, de Oswald de Andrade, pelo grupo de teatro Oficina. Segundo Raymond Williams, no seu livro *Marxismo e Literatura*, ressalta que:

“A análise se centraliza então nas relações entre essas instituições produzidas, formações e experiências, de modo que agora, como

naquele passado produzido, somente formas fixas explícitas existem, e a presença viva se está sempre por definição, afastando”¹

A partir desta preocupação com o distanciamento das experiências vividas e sentidas no presente para a compreensão dos dias de hoje, além do questionamento:

“Se o social é sempre passado, no sentido de que é sempre formado, temos na verdade de encontrar outros termos para a experiência inegável do presente: não só o presente temporal, a realização deste instante, mas o presente específico de ser, o inalienavelmente físico, dentro do que podemos realmente discernir e reconhecer instituições, formações, posições, mas nem sempre como produtos fixos, definidores.”²

Williams formulou um conceito intitulado *Estruturas de sentimento*, com o intuito de contemplar aquilo que foge ao fixo e as instituições já formadas, que por estar acontecendo neste exato momento pode até mesmo vir a não se manter. Se refletirmos sobre o campo musical, quantas bandas se formam e acabam sem deixar rastros? Talvez alguma delas, pode ter feito alguma melodia diferente, ter feito um sucesso relâmpago, quem sabe?

O autor critica as formas fixas até mesmo de forma irônica, como podemos perceber na passagem:

“Supomos, ou mesmo nem sabemos que temos de supor, que elas existem e são vividas de forma específica e definitiva, em formas singulares e em desenvolvimento. **Talvez os mortos possam ser reduzidos a formas fixas, embora os seus registros que sobrevivem sejam contra isso.**”³

A percepção desta *estrutura* pode ser complexa, pois reconhecer um processo em formação é difícil, ainda mais tratando-se de sentimentos e pensamentos. Williams cita como exemplo, a formação da história da língua, onde percebe-se em sua fase embrionária as novas relações dos sentimento pré-estabelecidos (dominantes) com os emergentes (os novos).

“Estamos então definindo esses elementos como uma ‘estrutura’: como uma série, com relações internas específicas, ao mesmo tempo engrenadas e em tensão. Não obstante, estamos também definindo uma

¹ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura* Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p.130.

² WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura* Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p.130.

³ Idem, p.132, grifos meu.

4

experiência social que está ainda *em processo*, com frequência, ainda não reconhecida como social, mas como privada, idiossincrática, e mesmo isoladora, mas que na análise (e raramente de outro modo) tem suas características emergentes, relacionadoras e dominantes, e na verdade suas hierarquias específicas.”⁴

II

O conceito de *Estruturas de sentimento* é importante para a total compreensão das obras de arte e literatura, onde o conteúdo social encontra-se presente nos vários elementos emergentes e dominantes, que se interligam tornando-se evidente os laços duma geração ou período. Pode-se perceber na estrutura de peças, romances e filmes permeados por experiências e pensamentos históricos. Uma das modalidades de sua presença está em traços recorrentes de época, em convenções de gênero ou em outros dados estilístico-formais que definem o perfil de uma ou de um conjunto de obras. Como observa Maria Elisa Cevasco, essa noção expressa a tentativa de “descrever a relação dinâmica entre experiência, consciência e linguagem, como formalizada e formante na arte, nas instituições e tradições”.

O termo “sentimento” foi eleito para contrapor-se aos conceitos de ideologia e ao de visão de mundo. E a palavra estrutura pode ser compreendida numa passagem de *The Long Revolution* “é tão firme e definitiva quanto sugere a palavra ‘estrutura’ e, no entanto, opera nos mais delicados e intangíveis aspectos de nossas atividades”⁵

A autora também ressalta a diferença do conceito *Estruturas de sentimento* e o de ideologia:

“Ideologia se apresenta, em seus diversos sentidos, como um sistema relativamente formal de valores, crenças e idéias que pode ser abstraído de um todo social, como uma visão de mundo ou de classe. Isso impede o teórico de ver que os valores e significados, os dominantes mais também os emergentes, impregnam o todo social e estão mais misturados do que faz supor a descrição de uma ideologia monolítica a dominar tudo e todos.”⁶

⁴ Ibidem, p.134, grifos do autor.

⁵ CEVASCO, Maria Elisa. *Para Ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001, p152-153.

⁶ CEVASCO, Maria Elisa. *Para Ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001, p.150.

Segundo Cevasco o conceito de ideologia não abarca o entendimento do emergente, do novo, ou do alternativo, somente representa as formas dominantes. Já *Estruturas de sentimento* está ligada à forma que adquirem as práticas e hábitos sociais e mentais, mas o local a onde podemos vê-lo melhor é na intrincada relação entre o que é interno e o que é externo a uma obra de arte quando analisada em confronto com o seu contexto social. Neste sentido, é o próprio Williams quem resume:

“ Relacionar uma obra de arte com qualquer aspecto da totalidade observada pode ser, em diferentes graus, bastante produtivo; mas muitas vezes percebemos na análise que, quando se compara a obra com esses aspectos distintos, sempre sobre algo para o quê não há uma contraparte externa. Este elemento é o que eu denominei de estrutura de sentimento, e só pode ser percebido através da própria experiência da obra de arte.”⁷

Através da compreensão do conceito *Estruturas de sentimento* podemos analisar não apenas as formas estruturadas e consagradas mas especialmente a emergência do novo – que este sim poderá modificar as estruturas dominantes, pois apresenta-se como “uma resposta a mudanças determinadas na organização social, é a articulação do emergente que escapa à força acachapante da hegemonia, que certamente trabalha sobre o emergente nos processos de incorporação, através dos quais transforma muitas de suas articulações para manter a centralidade de sua dominação”⁸ É importante ressaltar que estamos “viciados” nas análises formalistas da obra de arte, no entanto, apesar dessas estruturas estarem nas obras, não são produzidas internamente e sim fruto da experiência histórica.

A percepção do interior da obra de arte pode ser visto melhor:

“ (...) nas artes e no pensamento de períodos do passado. Quando as obras estavam sendo feitas, seus criadores muitas vezes pareciam, tanto para si mesmos quanto para os outros, estar sozinhos isolados, e serem ininteligíveis. E no entanto, muitas vezes, quando essa estrutura de sentimento tiver sido absorvida, são as conexões, as correspondências, e até mesmo as semelhanças de época, que mais saltam à vista. O que era então uma estrutura vivida, é agora uma estrutura registrada, que pode ser examinada, identificada e até generalizada. Em nosso próprio tempo, antes que isso aconteça, é provável que aqueles para quem a nova

⁷ Apud *Preface to Film*, página 152 de *Para Ler Raymond Williams*.

⁸ CEVASCO, Maria Elisa. *Para Ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001, p.157-158.

6

estrutura é mais acessível, ou em cujas obras ela está se formando de maneira mais clara, percebam sua experiência como única: como o que os isola das outras pessoas, ainda que o que os isolem sejam de fato as formações herdadas e as convenções e instituições que não mais exprimem e satisfazem os aspectos mais essenciais de suas vidas (...) O que isso significa na prática é a criação de novas convenções e de novas formas.”⁹

Na tentativa de descrever a relação dinâmica entre, experiência, consciência e linguagem, como formalizada e formante na arte, nas instituições e tradições. Williams criou o conceito de estrutura de sentimento diferente do conceito de experiência – sendo este para o autor sempre social e material, portanto histórica, que o conceito de sentimento descreve:

“A idéia de uma estrutura de sentimentos pode ser especificamente relacionada à evidência de formas e convenções – figuras semânticas – figuras semânticas que na arte e na literatura estão quase sempre entre as primeiras indicações que tal estrutura está se formando (...) em termos de uma teoria da cultura, é uma maneira de definir formas e convenções na arte e na literatura como elementos inalienáveis de um processo material: não como derivações de outras formas sociais ou pré-formas, mas como um tipo especial de formação social que por sua vez pode ser visto como uma articulação (geralmente a única articulação disponível) de estruturas de sentimentos que nos processos de vivência estão sendo experimentados muito mais gerais.”¹⁰

III

Será que o conceito de experiência de Walter Benjamin pode ser relacionado ao de Estruturas de sentimento?

Para Benjamin, o historiador deve constituir uma *Experiência* com o passado, não sendo esta uma concepção de nostalgia e sim de ‘processo’ histórico. Vários textos¹¹, de Benjamin escritos na década de 1930, analisam esse conceito, como por exemplo:

⁹Apud Raymond Williams. *Drama from Ibsen to Brecht*, 1968, p18-9.

¹⁰ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura* Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p.133.

¹¹ Benjamin escreveu um texto intitulado “Experiência”, em 1913, e produziu mais tarde um texto sobre o conceito de Experiência em Kant.

7

“Experiência e Pobreza”; “O Narrador”; e os trabalhos sobre Baudelaire. Nestes textos demonstra o enfraquecimento da “Erfahrung” no mundo capitalista moderno em detrimento de um outro conceito, a “Erlebnis”, experiência vivida, característica do indivíduo solitário; esboça, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre a necessidade de sua reconstrução para garantir uma memória e uma palavra comuns, malgrado a desagregação e o esfacelamento do social.”¹²

O termo em alemão “Erfahrung” significa experiência, com o sentido de ser a experiência incorporada na vivência, tendo esta um significado coletivo e a vivência fragmentada. Benjamin relaciona o fracasso da “Erfahrung” com fim da arte de contar, e o surgimento de uma nova forma de narrativa.

Nos dois textos “O Narrador”, de 1936, e “Experiência e Pobreza”, de 1933, Benjamin analisa sobre a perda da Experiência relacionada com: “A arte de contar torna-se cada vez mais rara porque ela parte fundamentalmente, da transmissão de uma experiência no sentido pleno, cujas condições de realização já não existem na sociedade capitalista moderna.”¹³

Para que a arte de narrar possa existir é necessário, as seguintes, condições: a experiência narrada deve ser comum ao narrador e ao ouvinte, sendo que, atualmente, com uma mudança muito rápida na sociedade, passaram a existir “abismos” entre as gerações, antes o idoso era visto como um sábio, hoje é tratado apenas como uma pessoa de idade; além do caráter de comunidade existente no artesanato, quando tinha-se tempo para a “arte de contar” durante a realização do trabalho.

O declínio da arte de contar parte, portanto, do declínio de uma tradição de uma memória comum, que garantiam a existência de uma Experiência coletiva, ligada a um trabalho e um tempo partilhados, em um mesmo universo de prática e linguagem. Benjamin começa o texto “Experiência e Pobreza” lembrando que, antigamente, as experiências eram transmitidas de pai para filho através da “arte de contar”, comparando com os dias

¹² BENJAMIN, Walter. “Walter Benjamin ou a história aberta” In: Magia e técnica, arte e Política, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1996, 10ª reimpressão, p.9.

¹³ BENJAMIN, Walter. “Walter Benjamin ou a história aberta” In: Magia e técnica, arte e Política, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1996, 10ª reimpressão, p.10.

8

atuais em que essa “arte” já não existe mais ou nos foram transmitidas com um sentido negativo, por exemplo “um dia ele ainda compreenderá”, quantas vezes não ouvimos de nossos pais tal afirmação: quando ele crescer entenderá.

A modernidade é vista através da “Cultura do vidro”, de Paul Sheerbart, literato, o qual trata seus personagens em casas de vidro, pois este é um material duro, frio, liso – no qual nada se fixa. “As coisas de vidro não tem nenhuma aura. O vidro é em geral o inimigo do mistério. É também o inimigo da propriedade”¹⁴ Benjamin está preocupado com a manutenção da memória, pois com a “Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente a sua pobreza externa e interna, que algo de desceite possa resultar disso.”¹⁵

Segundo Benjamin, o prazer da arte de contar também está ligado com a idéia de “obra aberta”, pois “cada História é o ensejo de uma nova história, que desencadeia uma outra, que traz uma quarta, etc.; essa dinâmica ilimitada da memória é a da condição do relato, com cada texto chamando e suscitando outros textos”¹⁶ No entanto, no momento em que a Experiência coletiva se perde, outras narrativas se tornam predominantes: o romance e a informação jornalística. O leitor do romance busca na leitura o que já não encontra na sociedade moderna: um sentido explícito e reconhecido. “Enquanto a narrativa antiga se caracterizava por sua abertura, o romance clássico, em sua necessidade de resolver a questão do significado da existência visa a conclusão.”¹⁷ O romance se movimenta baseado no “sentido da vida”, e a narrativa ao redor da “moral da história”, além da narrativa ser uma história aberta permitindo a questão “mas o que vem depois?” , já no romance não depois da palavra fim nada mais pode mudar.

¹⁴ BENJAMIN, Walter. “Experiência e Pobreza”. In: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1996, 10ª reimpressão, p.117.

¹⁵ Idem, p.118.

¹⁶ BENJAMIN, Walter. “Walter Benjamin ou a história aberta” In: Magia e técnica, arte e Política, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1996, 10ª reimpressão, p.13.

¹⁷ Idem, p.15.

Mas é no trabalho sobre Baudelaire que podemos perceber o conceito de *Estruturas de sentimento*, quando Benjamin retrata a chegada da modernidade, por exemplo, no trecho que trata sobre o sentimento da população no meio das fábricas:

“Seja qual for o partido a que se pertença’, escrevia Baudelaire em 1851, ‘é impossível não ficar emocionado com o espetáculo dessa população doentia, que engole a poeira das fábricas, que inala partículas de algodão, que deixa penetrar seus tecidos pelo alvaiade, pelo mercúrio e por todos os venenos utilizados para produzir obras-primas (...) Essa população se mata esperando as maravilhas a que o mundo lhe parece dar direito; sente correr sangue purpúreo em suas veias e lança um longo olhar, carregado de tristeza, para a luz do sol e para as sombras dos grandes parques”¹⁸

O isolamento do indivíduo proporcionou uma série de novos sentimentos e experiências perceptivas do sujeito, em relação a ele mesmo e dele perante a multidão. Essa experiência de particularização da vida privada conformou o individualismo, em que os objetos de consumo se tornam um fetiche.

O conceito de Williams incorpora ao de experiência de Benjamin e o amplia, dando um novo sentido ao novo e emergente.

IV

Frederic Jameson no seu livro *Pós- Modernismo – a lógica cultural do capitalismo tardio* ¹⁹ utiliza o conceito de Williams para retratar a nova estrutura de sentimento que surge com o advento do pós-modernismo. O sentimento do tempo fragmentado, da pasteurização da vida, dos acontecimentos em segundos.

Atualmente, podemos conectarmos à Internet e saber tudo o que está acontecendo no mundo em tempo real, ou pelo menos, ao que temos acesso. Existem amigos e até

¹⁸ BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire – um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2ª reimpressão, 2000, p.98.

¹⁹ JAMESON, Frederic. *Pós- Modernismo – a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 2004.

10

mesmo sexo virtual, onde a presença física não se faz mais importante, ou se pensarmos mais longe a identidade perde o sentido. Quem somos? Não importa, podemos inventar um personagem e vivê-lo no espaço virtual. A experiência vivida pelo trabalhador depois de horas de trabalho, num metro, lotado, de volta para casa é talvez indescritível? São muitas questões colocadas na mesa para serem debatidas, e o conceito de Williams se tornou mais relevante e atual.